

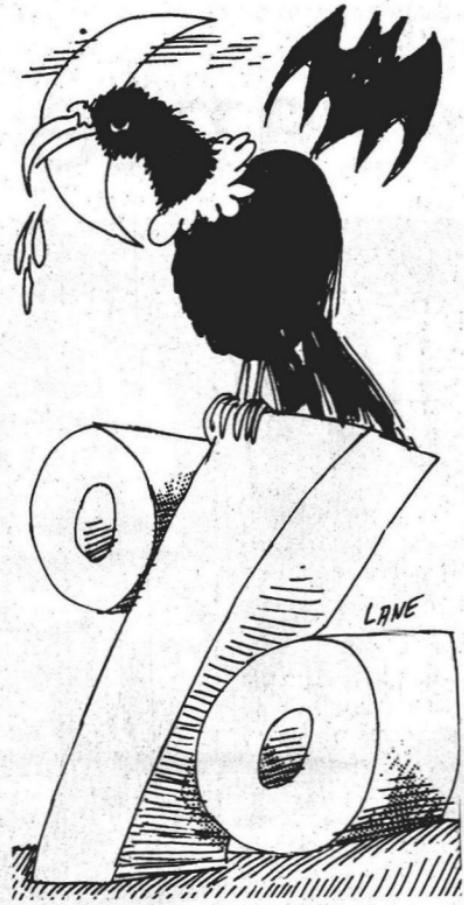
História é de fato triste

O ministro Marcílio Marques Moreira procurou reproduzir ontem, para editores e repórteres econômicos dos principais veículos de comunicação do País, o ambiente em que o Governo abriu, pela primeira vez, há três dias, as chamadas contas nacionais, na reunião do Conselho da República. Para tanto, todo esmero foi pouco: no solene salão de reuniões do Conselho Monetário Nacional, no sexto andar do Ministério da Economia, Marcílio fez questão de cumprimentar, um a um, os 30 jornalistas presentes e — britanicamente — pedir desculpas por incomodar a todos em pleno sábado.

Ao lado do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, e seguido pelo líder do Governo, Marco Maciel (PFL-PE), pelo senador Ney Maranhão (PFL-PE), e pelo primeiro escalão da economia, Marcílio deu o tom já na primeira fala, quando introduziu sua análise da crise: "Nossa história é triste, mas não é uma história de horror", resumiu. Numa analogia com o exercício exigido a um atleta, comparou: "Tudo o que os senhores vão ouvir aqui diz respeito à luta por um estado mais magro e enxuto, que tenta recuperar o tônus muscular".

Foi nesse contexto que definiu o tratamento da crise como "um choque de verdade", que não pode ser confundido como um esforço restrito ao Governo Federal, mas compreendido como inevitável também para os estados e municípios. Para essa luta, o governo dispõe de dois tipos de armamentos no arsenal do Ministério da Economia: os que estão relacionados na política conjuntural e que lidam com instrumentos clássicos da economia — medidas monetárias, fiscal, de rendas e de apoio à produção — e aquela que impõe mudanças de natureza estrutural, algumas abrigadas no chamado Emendão.

Seguida à regra a receita escrita com esses instrumentos, Marcílio acredita que o País possa se livrar do que chamou de "hidra da inflação" num prazo de dois anos, fixando raízes sólidas para a recuperação do crescimento econômico e resgate da capacidade de investimentos. Foi desse ponto que o secretário-executivo, Roberto Macedo, partiu para uma longa radiografia sobre a situação da economia brasileira — mais próxima da história de horror que o ministro negou, do que de uma solução a curto prazo — como a que chegou a



anunciar. A exposição de Macedo teve uma unanimidade: o País não funciona e não tem dinheiro para remediar essa situação.

O empenho em justificar o ajuste fiscal foi tanto que o exemplo argentino foi invocado, menos pela dolarização e mais por ter como base a reforma fiscal. Isso não foi suficiente para animar um sonolento Passarinho, que ouvia pela terceira vez (a primeira foi no Conselho da República, a segunda na Reunião Ministerial) a exposição de Macedo, cujas "transparências" (slides exibidos em tela) já ficaram conhecidas, em menos de um mês, como "o filme de Macedo". Em determinado momento, Passarinho traia esse enfado: perguntado por Marcílio, ao seu lado, se tinha boa visão da tela, respondeu: "Não precisa. Já sei de cor".

Com esse mesmo enfado — mas entre goles de água mineral francesa "perrier", que lhe foi servida com exclusividade —, Marcílio encerrou a entrevista que concedeu logo após a exposição de uma hora de seu secretário-executivo. Precedido de um bocejo, o aviso de que estava encerrada a conversa veio acompanhado de um pretexto incoerente: a filha de Pedro Parente, secretário nacional de Planejamento, Maria Elisa, tinha fome.